



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

JOSÉ DAVI SANTOS TORRES

FORMAÇÃO DE CIDADÃOS/ SUJEITOS HISTÓRICOS: Um olhar a partir da
Disciplina de História no 5º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, na cidade de São
Caitano-PE

CARUARU
2023

JOSÉ DAVI SANTOS TORRES

FORMAÇÃO DE CIDADÃOS/ SUJEITOS HISTÓRICOS: Um olhar a partir da
Disciplina de História no 5º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, na cidade de São
Caitano-PE

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Campus Acadêmico do Agreste
da Universidade Federal de Pernambuco
UFPE/CAA, na modalidade de artigo
científico como requisito parcial de aprovação
e obtenção do grau de licenciado em
Pedagogia

Área de concentração: Educação

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Maria de Barros

CARUARU

2023

FORMAÇÃO DE CIDADÃOS/ SUJEITOS HISTÓRICOS: Um olhar a partir da Disciplina de História no 5º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, na cidade de São Caitano-PE

José Davi Santos Torres¹
Ana Maria de Barros²

RESUMO

Este artigo busca discutir e refletir as questões relacionadas à formação de cidadãos/ sujeitos históricos a partir das experiências do autor, das contribuições dos professores colaboradores, que são da rede pública de ensino da cidade de São Caitano-PE, e dos teóricos, tais como: ZUCCHI (2012), JUNIOR (2011), BITTENCOURT (2010) e CAMPOS (2012). Objetivou-se a compreensão dos aspectos que estão relacionados à aproximação ou distanciamento dos estudantes à disciplina, pelo olhar do docente. Analisando a LDB, os PCNs e a BNCC. Para a coleta de dados, foi utilizado questionário de questões abertas e fechadas, que possibilitaram aos participantes a liberdade de fala e de colocações. Para analisar tais dados, foi realizada a Análise de Conteúdo, segundo BARDIN (1977). Neste sentido, essa pesquisa é qualitativa e explicativa, pois lida com experiências de vida, a partir das vivências compartilhadas nas aulas da disciplina de História. Tais experiências demonstram uma continuação da história da humanidade, uma vez que, estimulados a tomada de consciência da formação cidadã, construiremos a nossa própria, enquanto sujeitos históricos, tendo como resultado a nossa emancipação. Todo esse percurso, aqui discutido, iniciado nas aulas de História, de maneira interdisciplinar.

Palavras-chave: Formação de Sujeitos Históricos, Cidadania, História.

DATA DE APROVAÇÃO: 05 de Outubro de 2023.

¹ Estudante do curso de Pedagogia- UFPE/CAA, participante do Projeto de Extensão Universitária - Laboratório de Filosofia, Política e Direitos Humanos-UFPE/CAA.

² Orientadora, Doutora em Ciência Política, Mestra em Educação, Coordenadora do Laboratório de História e Geografia, Profa. do Curso de Pedagogia – CAA e do Mestrado em Direitos Humanos na UFPE

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi uma imersão na volta ao tempo, lembrando o Ensino Fundamental e Médio, em que eu sentia de meus colegas um certo desinteresse e desmotivação às aulas de História, uma vez que, metodologicamente, não era algo que os atraíam tal qual outras disciplinas; movimento que me acontecia de maneira diferente. Pois este componente curricular fomentava em mim a curiosidade e sempre, nos debates em sala de aula, questionava esclarecimentos de determinados conteúdos estudados, o que não acontecia com meus colegas, visto que a grande maioria deles nem interagiam.

A partir dos estudos desenvolvidos na minha graduação em Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste, foi possível notar que alguns docentes - da época - seguiam a prática do “decoreba”. Em consonância a esta realidade vivida, este trabalho é, também, uma continuidade dos estudos e pesquisas realizadas nas disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP)³ 1 e 2, durante os períodos desta minha licenciatura.

Nestas pesquisas, as das PPPs 1 e 2, buscou-se entender quais eram os aspectos sentidos pelos estudantes do 4º ano do Ensino Fundamental nas aulas da disciplina de História. Em como a prática docente, e, de um modo mais geral, a prática pedagógica (na qual os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem estão inseridos), estavam gerando uma proximidade e/ou distanciamento com o saber histórico e, mais profundamente, com sua própria formação enquanto cidadão que constrói história desde seu nascimento.

Seguidamente, na PPP 2, buscou-se saber como a gestão escolar trata a questão desta formação humana e histórica, uma vez que, na observância do cotidiano escolar e no da gestão, nas expressividades pedagógicas de professores e gestores, além de toda a comunidade escolar - considerando a miscigenação do espaço educativo -, abriu-se margem para uma lacuna que diz respeito à mediação do conhecimento histórico nas escolas, de como ele tem sido expressado/compartilhado.

Ademais, esta pesquisa buscou discutir, refletir e problematizar as questões que estão envolvidas neste processo de ensino e aprendizagem de construção constante do ser e saber histórico, de formação do cidadão e da cidadã pela participação de professores de três escolas pertencentes à rede municipal de ensino do município de São Caitano-PE, além de analisar, também, os documentos oficiais que direcionam o trabalho pedagógico nas escolas, a saber: a

³ Todas as vezes que me referir a sigla PPP a partir desse momento, me refiro a disciplina cursada no curso de Pedagogia denominada: Pesquisa e Prática Pedagógica.

Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de História e Geografia e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Além de discutir a importância da História para a formação humana.

Dado o percurso discursivo, acreditamos ser socialmente relevante tratar desta temática uma vez que ensinar/aprender História configuram em um compromisso social que fomenta, na própria sociedade, o anseio de continuidade de sua história. A mesma que se forma no hoje, para que no amanhã possa ser lida/recordada como ontem, no processo de construção do amanhã e que favorece o exercício de uma consciência de pertencimento do lugar em que se vive.

Assim sendo, formalizamos a questão que norteará este trabalho da seguinte forma: Quais são os aspectos que interferem na aproximação e/ou distanciamento do estudante à disciplina de História, na observância do seu processo de construção como cidadão/ sujeito histórico, nas turmas de 5º ano do ensino fundamental - anos iniciais, a partir do olhar dos professores? Para responder à pergunta norteadora da pesquisa desenvolvemos os objetivos a seguir:

OBJETIVO GERAL:

- Compreender como se dá a formação de sujeitos históricos, a partir das vivências compartilhadas nas aulas da disciplina de História.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1. Compreender o Ensino de História como campo do conhecimento científico e seus impactos no processo de ensino-aprendizagem nas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais;
2. Identificar as permanências e transformações da História enquanto componente curricular, a partir dos PCNs, da BNCC e da LDB;
3. Analisar as perspectivas metodológicas apresentadas pelos docentes, em relação à disciplina de História.

E para tanto, realizamos o constante diálogo com os autores que tratam do ensino da História e com a formação do sujeito em sociedade, construindo o aporte teórico-metodológico em que se sustenta esse trabalho que poderá ser acompanhado a seguir.

Ancorado nisto, acreditamos ainda que é importante que a academia esteja atenta a esta questão, pois se mostra indispensável a necessidade do olhar para o fomento de práticas pedagógicas e, mais especificamente, práticas docentes, que estimulem o estudante a aguçar

seu senso crítico e se enxergue como ser social e histórico, dentro do seu processo de formação e emancipação.

2. DIÁLOGO COM OS TEÓRICOS

O presente trabalho segue a perspectiva de um ensino de História que seja voltado para a construção da cidadania dos estudantes de forma a que os mesmos possam se reconhecerem como sujeitos históricos, conhecedores de sua história e que, ao mesmo tempo, formam e participam da construção histórica da sociedade em que estão inseridos. Todo esse desenrolar se fomentando pelo seu protagonismo no processo emancipatório.

Neste sentido, então, trataremos de discutir com os teóricos algumas questões que estão envolvidas na visão acima explicitada nos seguintes subtítulos.

2.1 História: construção do hoje, no ontem, em função de um amanhã

Quando pensamos em acontecimentos que tenham passado em nossas vidas, estamos pensando na história dela. Como eles se passaram, se formaram e o porquê de terem permanecido em nossas memórias. Dificilmente teremos essas lembranças guardadas de forma escrita, sendo, na maioria das vezes, *insights* de nosso cérebro em ocasiões, em sua maioria, determinadas.

Sendo assim, a história se mostra importante porque ela pode nos levar ao exercício da compreensão do mundo no qual estamos inseridos, bem como, porque “*as histórias são frutos de múltiplas leituras, interpretações de sujeitos históricos situados socialmente*” (SILVA & FONSECA, 2010, p. 16), onde, a partir disso, somos levados, também, a tomar consciência de que somos os responsáveis pela construção dessa história. Conhecer o que antecedeu nosso nascimento é de suma importância e a escola pode instigar este exercício. Uma vez que:

Todos sabemos que a escola enquadra, ajusta, integra, desestimula atitudes antissociais, ajuda a transformar o educando num ser social. Ao passar valores específicos de uma região ou de um país, passa também comportamentos e permite ao aluno acesso ao patrimônio cultural da humanidade. E os direitos e obrigações da cidadania são partes integrantes desse patrimônio. (PINSKY, 2008, p. 96)

E porque “*as culturas escolares, dotadas de especificidades, mantêm laços, diálogos permanentes com outros espaços culturais*” (SILVA & FONSECA, 2010, p. 14) que enobrecem a multiculturalidade e pluralidade dos sujeitos que vivenciam e constituem a

sociedade como um todo. O que gera um ciclo de influências, que pode ser benéfico ou não, a depender das experiências que os mesmos, presentes nelas, externam.

Ademais, seria mais uma incumbência do/a professor/a a tarefa de vivenciar, na companhia dos estudantes, novas metodologias para se trabalhar o ensino de História, numa perspectiva interdisciplinar, por exemplo. Visto que *“a ação pedagógica do professor se realiza num processo de tomada de decisões, mas que nem sempre os saberes exigidos e assumidos na profissão são identificados por ele mesmo”* (GUESTA, 2001, p.17).

Concernente a isto, é pensar numa prática docente que possa inserir o estudante no mundo ao qual ele está vivendo. A figura do professor se torna fundamental, mas a gestão escolar também deve se fazer presente e participar, não somente articulando com o fornecimento de materiais, mas também com o apoio pedagógico, incentivo e suporte tecnológico.

A partir disso, cabe à reflexão de quais cidadãos estão sendo formados, partindo da própria formação da qual o docente se submete, pois: *“O educador que corajosa e honestamente, analisa sua prática e as respostas que dela obtém evita, também, a alienação e a apatia frente às situações emergentes da educação escolarizada e do exercício do magistério”* (GUESTA, 2001, p. 19), constituindo seu fazer docente pelo cotidiano e contexto de seus estudantes.

Nesta mesma linha de pensamento, entendemos que quando aqueles que não são instigados a conhecerem sua história e nem são estimulados a aguçar seu senso crítico, tem o desenvolvimento de sua autonomia prejudicada. Ficarão à mercê do que lhes é transmitido dentro de um processo de alienação, crendo no discurso, sem interesse de buscar o real sentido/veracidade do que lhes venha a ser dito/transmitido.

Dito isto, é importante ressaltar que a questão do desinteresse por parte dos estudantes à disciplina de História, objeto das pesquisas realizadas anteriormente nas PPPs 1 e 2, é, em parte, consequência de um passado que deixa de lado sua verdadeira história para dar vez, voz e lugar a história maquiada da construção de nosso país (BITTENCOURT, 2010), por exemplo. Passado este que:

Privilegiava-se a formação da consciência histórica nos moldes tradicionais. Uma identidade centrada, fixa, unificada. Uma identidade de pertença, formando um bloco. Cristalizada. Esse tipo de identidade assinala-se em frases como: “sou brasileiro”. Desconsideram-se as subjetividades, as singularidades e as diversidades em ser brasileiro. Sufocam-se as outras identidades em nome da “ordem”. (JUNIOR, 2011, p. 296)

Exemplificando melhor cito a questão do “descobrimento” do Brasil, que ainda hoje é comemorado em nosso país e na grande maioria das escolas, o que explicita uma total desvalorização dos nativos, os indígenas, que aqui já residiam. Outro exemplo pertinente é o nosso passado escravocrata, por muitas vezes esquecido em nossos planos pedagógicos. O que pode afetar essa construção identitária cidadã, pois *“a seleção e a organização do conhecimento escolar não podem ser vistas como escolhas inocentes, não é um processo lógico, mas social, no qual convivem, lado a lado, fatores epistemológicos e intelectuais”* (JUNIOR, 2011, p. 298).

É possível notar, assim, a realidade da grande massa de estudantes: saem de casa para irem às escolas, e nas aulas não estudam propriamente, nem superficialmente, a história de seu país, de seu povo, mas sim a de outros povos e nações que não lhes condiz estar inteirado, pela perspectiva crítica. Sendo assim,

É importante que os professores conheçam possibilidades de abordagem diversificadas e técnicas variadas para que, munidos dessas informações teórico-metodológicas, possam planejar suas aulas de acordo com as demandas dos diferentes grupos de alunos com os quais trabalham (ZUCCHI, 2012, p.22)

Neste sentido, é oferecer ao estudante o papel de “autor de sua formação”. Como? *“privilegiando a autoaprendizagem experimental em detrimento de transmissão de saber já produzido”, pois possibilitará ao estudante “apropriar-se de processos intelectuais”* (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 39) que irão favorecer seu aprendizado nas diversas áreas do conhecimento, aqui tratando-se especificamente da área de humanas. Pois os mesmos, na sala de aula, não são seres estáticos sem voz e sem indagações, mas que participam, se colocam e interagem na socialização do conhecimento (FONSECA, 2003).

2.2 A relação entre as LDBs, os PCNs, a BNCC e a História

Ao passo que pensamos em como é gerenciado o sistema de ensino, é possível vislumbrar questões muito caras no que diz respeito a situação em que, atualmente, nos encontramos com a instauração da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), resultado de uma discussão de aproximadamente quatro anos e de três versões. Com participação da sociedade civil, em meio ao processo de *impeachment* da ex presidenta Dilma Rousseff e posterior empossamento de Michel Temer, seu vice.

Antes de mais nada é necessário entender a lógica que rege a sociedade para que assim possamos nos aproximar do entendimento que é cultivado pelos detentores do poder, ou seja, aqueles e aquelas que representam a esfera macro, na qual a micro assume o papel de

subordinada. Que degenera suas especificidades contextuais em favor de imposições e orientações do sistema mecanizado e mercadológico da Sociedade Capitalista.

Partindo desta compreensão, cabe um recorte e uma discussão histórica acerca do trato do ensino de História na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) para entrarmos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e chegarmos à BNCC.

A LDB do ano de 1971 quis e modificou alguns aspectos da versão de 1961, sendo que esta estava dentro das reformas educacionais realizadas nesta década e que *“assentavam-se no argumento da educação como meio mais seguro para a mobilidade social individual e de grupos [...] e como mecanismo de redução das desigualdades sociais”* (OLIVEIRA, 2004, 1129 - grifo nosso). Já a de 1971, criada e instaurada durante o período da Ditadura Militar em nosso país, demonstrava sua apatia a temas que não estivessem de acordo com a perspectiva totalitária vigente na época. Zucchi (2012) relata que:

História e Geografia foram aglutinados e passaram a compor a disciplina de Estudos Sociais, sob clara influência do currículo das escolas norte-americanas. Dessa forma, o ensino de História perdeu suas especificidades e passou a ter o conteúdo controlado mais de perto pelos militares. (p. 20)

Pois *“o objetivo era garantir o alinhamento do Brasil aos interesses do capitalismo internacional”* (NEMI, MARTINS & ESCANHUELA, 2009, p. 17). Este cenário fomentou diversas discussões, mesmo com a repressão que havia e o objetivo de calar aqueles e aquelas que se levantassem contra os militares. Pois, embora *“conversem”* em alguns conteúdos, as disciplinas de História e Geografia têm suas especificidades e seus graus de importância definidos. Que podemos explicar superficialmente da seguinte forma: *“a primeira propõe o estudo das ações de variados grupos humanos ao longo do tempo, e a segunda, além de características físicas de diferentes regiões, estuda a ação dos seres humanos com relação à paisagem”* (ZUCCHI, 2012, p. 21).

Seguidamente, passadas pouco mais de duas décadas e com o fim da Ditadura de 1964, essas discussões ganharam mais força e *“a década de 1990 marcou um período em que o aluno deixou de ser tabula rasa que deve ser preenchida com datas e nomes, muitas vezes arbitrários, e passou a ser protagonista na construção do conhecimento histórico”* (NEMI, MARTINS & ESCANHUELA, 2009, p. 22). Esta situação parte da ideia de *“educação para a equidade social”* (OLIVEIRA, 2004, p. 1129).

Dentro desta perspectiva, emergem os PCNs no ano de 1997, *“que não constituem propostas obrigatórias, mas diretrizes e possibilidades de organização das diferentes disciplinas escolares”* (ZUCCHI, 2012, p. 22), ancorado no contexto que a legislação vigente

naquele momento concedia “*relativa autonomia e liberdade aos professores para trabalhar diversos temas por meio de diferentes metodologias de ensino de História*” (ZUCCHI, 2012, p. 22). Organizado estruturalmente em eixos para mediar e orientar o professor e a professora acerca de quais conteúdos deveriam ser tratados nas aulas.

Temas importantes são levantados nos PCNs, tais como a história do bairro onde a escola se encontra e características dos momentos histórico-administrativos vivenciados pelo Brasil, fomentou as Leis de 2003 e 2008 a tornar obrigatório o ensino nas escolas “*da cultura da África e da cultura afro-brasileira, bem como o estudo da história e da cultura dos indígenas brasileiros*” (ZUCCHI, 2012, p. 26), respectivamente.

Destarte, surge no Brasil a BNCC que, segundo Ferreira (2021), “*faz parte de uma política curricular que se insere numa política educacional de caráter autoritário e neoliberal*” (p. 17). Sua instauração se deu no decorrer dos últimos três anos no cenário da pandemia do novo coronavírus, a Covid-19, que adiou processos estaduais. Embora tenha havido entraves pelo momento histórico que a humanidade passava, sua efetivação não deixou de ser posta em prática e os retrocessos que a mesma traz foram entrando nas salas de aula.

E se tratando do ensino de História, Ferreira (2021) pontua que houve “*o estrangulamento da organização curricular por disciplinas, e com isso a própria disciplina de História deixou de ser obrigatória, ficando desfigurada e diluída numa amorfa área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*” (p. 18), promovendo a ideia de uma formação para a empregabilidade, manutenção das desigualdades sociais e extinção do exercício ao pensamento crítico com vistas à emancipação dos sujeitos. Cerceando a prática de uma formação para a cidadania.

Neste sentido, cabe a reflexão de que quando tratamos do ensino fundamental, Campos (2012) nos explica que neste período o estudante experiencia a sua “*formação de identidade e construção da cidadania, que ocorrem simultaneamente e guardam estreita ligação entre si*” (p. 20). Então, mecanizar esta formação é o caminho?

Surge a necessidade do “*professor dos primeiros anos do ensino fundamental oferecer estratégias pedagógicas que auxiliam o educando a construir conhecimentos, valores, atitudes e competências necessários à sua formação cidadã*” (CAMPOS, 2012, p. 21)... A BNCC confere ao professor, no entanto, o papel de mero cumpridor de tarefas e reproduzidor de um conhecimento que favorece a manutenção de ideais capitalistas.

Ademais, Ferreira (2021) enfatiza que

A BNCC é, portanto, um documento forjado num contexto de crescente autoritarismo e conservadorismo que alijou, subjugou e

anulou as críticas ao documento. [...] O impedimento e a troca abrupta de governo rompeu processos de discussões em andamento sobre os fundamentos de uma base curricular nacional voltada aos direitos de aprendizagem e autonomia das escolas. [...] A BNCC resulta como um documento prescritivo focado na avaliação de resultados de aprendizagem. Ele representa o triunfo de um modelo de currículo focado na responsabilização, na meritocracia e metas de aprendizagem (p. 20)

Dado o contexto, já é possível notar que a ideia autoritária de tomada de decisões presente nas décadas das Ditaduras em nosso país estão, paulatinamente, voltando à cena. Acompanhar estas inserções, enquanto professor, gera angústia e medo, sentimentos que fazem parte do bojo de desejos de processos como este.

2.3 Perspectivas sobre o ensino de História: vidas que (se) formam (na) História

Ao mesmo tempo que formamos a história, é dela que extraímos a nossa, ou seja, contribuimos para o crescimento/continuidade do cotidiano social. Visto que, “*o processo de conhecimento do passado e do presente se faz de forma dinâmica*” (SILVA & PORTO, 2012, p. 14). Para exemplificar, cito um momento histórico, o da pandemia do novo coronavírus, em que as atitudes tomadas por cada cidadão e cidadã, recaiam no outro. Sendo assim, a história será justa e cobrará/mostrará, no futuro, o saldo da responsabilidade (ou falta dela) que a população teve e tem frente a este vírus. Sobretudo na questão da vacinação.

Dada a contextualização, nota-se, então, que as práticas sociais partem do individual ao coletivo e, por sermos seres sociais, nossas ações estarão influenciando e interferindo a vida e o cotidiano do outro, seja de maneira direta ou indireta. Dito isto, o/a professor/a estará a todo momento de sua vida acadêmica recebendo informações e em contato com diversas práticas docentes, e neste contato, estará constituindo a sua, que numa perspectiva reflexiva, poderá estar sempre renovando-se em favor do conhecimento. Quanto a isto, cabe trazer a reflexão de que:

O ato de ensinar não consiste apenas em fazer um sujeito absorver os conteúdos que lhe são transmitidos, mas proporcionar aos alunos condições de construir o saber, desenvolver a criticidade deles, entendendo que todo aquele que ensina também aprende. (ALVES & SANTOS, 2013, p. 03)

Por isso que a disposição, embora cansativa, dos professores, para estar em constante mudança e se adaptarem às especificidades de cada turma se mostra imprescindível. Sobretudo porque “*o conhecimento histórico não significa simplesmente o acúmulo de uma*

quantidade de informações relacionadas a fatos do passado” (SILVA & PORTO, 2012, p. 13), mas um novo olhar do lugar de onde o sujeito se encontra.

Sendo assim, quando pensamos em práticas docentes que possam estimular o estudante a adentrar este mundo diferente do que lhe está destinado, uma vez que a BNCC e demais documentos dissidentes direcionam o caminho para o mundo do trabalho alienado, ter a consciência de que *“o processo de armazenamento das informações na mente humana se dá de forma organizada, no qual os elementos específicos se ligam a ideias e conceitos mais gerais, provocando a aprendizagem significativa”* (ALVES & SANTOS, 2013, p. 4) fundamenta nossa atuação enquanto profissionais da educação, agentes de transformação.

Neste contexto e por entender que *“a História tem suas peculiaridades frente aos demais campos do saber”* (RASSI & FONSECA, 2006, p. 110), levantamos a discussão acerca da formação continuada para professores, pois pelas particularidades do ensino deste componente curricular, bem como, pelo contexto de supervalorização da Língua Portuguesa e da Matemática, estudar e pesquisar meios pelos quais os conhecimentos deste, por vezes banalizados, podem ser atrelados às supervalorizadas, fomentando a perspectiva de um letramento histórico, como nos explica Silva e Porto (2012) quando dizem que

O letramento em História possibilita ao sujeito estabelecer uma interação mental durante as leituras das narrativas históricas com o conhecimento histórico já acumulado, estabelecendo, assim, uma orientação temporal e permitindo a construção de novos significados (p. 14)

Ademais, essa “junção” pode favorecer as percepções da gestão frente à mediação do trabalho a ser realizado na escola. Tratamos de inserir mais uma vez a gestão escolar na discussão para pontuar que o professor pode ser um agente transformador em sala de aula, mas se encontra uma equipe gestora que não favoreçam este trabalho, as garras do tradicionalismo e do mero cumpridor de ordens e tarefas poderá sugá-lo. Uma vez que *“o ensino tradicional prioriza uma aprendizagem mecânica e baseada na memorização e reprodução dos fatos. O aluno nesse sentido é entendido como um sujeito passivo”* (ALVES & SANTOS, 2013, p. 02).

Essa constância, então, será um facilitador da prática reflexiva do profissional da educação. Ainda que este esteja inserido em um contexto de precarização e flexibilização do seu trabalho em que, muitas vezes, assume funções e é cobrado por aspectos que não fazem parte do bojo de sua função profissional e social (OLIVEIRA, 2004), seu posicionamento estará demonstrando seu modo de *ser professor* que, possivelmente, estará o aproximando dos estudantes e, conseqüentemente, os estudantes do conhecimento.

Sendo assim, abrindo ainda mais o leque de responsabilização pela formação sócio-histórica dos estudantes, pontuamos que “*a Formação Continuada depende significativamente do poder público, no sentido de propiciar formações de qualidade às escolas públicas*” (VARTHA & DILL, 2018, p. 257). Se fazendo presente neste processo formativo que estará visando à perspectiva de sociedade que se queira conseguir com todos e todas que serão atingidos por estas ações.

Porquanto, o ensino de História passa a ser um compromisso de toda a sociedade e não somente do professor, pois o estudante, tendo o apoio e o direcionamento para o protagonismo de sua emancipação, estará levando quem esteja ao seu redor para este mesmo movimento de quebra de expectativas mercadológicas, impostas pela sociedade capitalista. Para isso, é necessário um estímulo. Ainda na mesma linha de pensamento, Silva e Porto (2012) nos auxiliam nesta discussão ao pontuar que:

Na perspectiva da consciência histórica, o conhecimento histórico deve servir como uma ferramenta de orientação temporal que levaria a uma leitura do mundo no presente e embasaria uma avaliação quanto às perspectivas de futuro alicerçadas nas experiências humanas do passado (SILVA & PORTO, 2012, p.13)

A partir disso, destacamos o pensamento de Paulo Freire, nosso patrono da educação, quando diz que “a leitura de mundo precede a de palavras”, e, de fato, esta deveria ser a preocupação de todos os envolvidos na educação, pois a ligação entre sujeito e sociedade não deveria sujeitar uns à humilhação e fome e outros ao poder e riqueza.

Dando prosseguimento a discussão, trazemos a música “Menor abandonado”⁴, composição de Zeca Pagodinho, cantemos...

“Me dê a mão / Eu preciso de você / Seu coração / Sei que pode entender / E o calçadão é meu lar, meu precipício / Mesmo sendo sacrifício / Faça alguma coisa pra me socorrer / Eu não quero ser / Manchete em jornal / Ibope na TV / Se eu ficar por aqui / O que vou conseguir / Mais tarde será um mal pra você / Não ser um escravo do vício / Um ofício do mal / Nem ser um profissional / Na arte de furtar / Quero estudar, me formar / Ter um lar pra viver / E apagar esta má impressão / Que em mim você vê”

Ao trazer esta música, através da arte que expressa as chagas de nossa sociedade, queremos dizer que a desigualdade social ainda perdura em nosso país. As classes mais populares são as que sofrem pela manutenção de discursos que visam à subalternização dela e

⁴ Disponível em: <<https://www.letras.com.br/zeca-pagodinho/menor-abandonado>> Acesso em: 20 out. 2022.

a ultrajante ascensão da elite. Elite que busca, de todos os modos, controlar a educação. Quando pensamos, então, na perspectiva do letramento histórico, que

Por sua vez, é a condição adquirida pelo sujeito que é capaz de utilizar o conhecimento histórico para ler, interpretar, analisar de forma crítica e consistente o presente, fazendo projeções de futuro e/ou redefinindo conhecimentos do passado nas mais diversas situações sociais, em que narrativas históricas cotidianamente estão presentes de formas mais evidentes ou implícitas (SILVA & PORTO, 2012, p. 15)

Consequentemente, a delimitação de espaços para pobres e ricos, por exemplo, é questionada; a objetificação de corpos é questionada; a diferença salarial entre homens e mulheres, é questionada; o racismo, os preconceitos e as violências são questionados. Essa perspectiva levanta discussões que estão ligadas diretamente com a construção de identidades e de cidadania.

Arelada a esta construção, a tecitura de situações e movimentos de representatividade social estabelecem e suscitam os papéis sociais. Na escola, com “*a construção de novos conhecimentos, sob outras condições e perspectivas, promove a mobilização de outras tantas representações sociais já existentes*” (SIMAN, 2005, p. 361), deixando de lado a organização “em caixinhas” de quem deve ser o quê, e valorizando a liberdade do ser, conhecedor/a do processo histórico que o/a levou aquele espaço/lugar.

Seguindo o estudo e ainda recorrendo a arte, quando, em sua canção, o compositor Zeca Pagodinho expressa um pedido de socorro dos jovens, podemos dizer que “Anjos da guarda”⁵, de Leci Brandão, expressa quem pode socorrer:

“Professores / Protetores das crianças do meu país / Eu queria, gostaria / De um discurso bem mais feliz / Porque tudo é educação / É matéria de todo o tempo / Ensinem a quem sabe de tudo / A entregar o conhecimento / Ensinem a quem sabe de tudo / A entregar o conhecimento / Na sala de aula / É que se forma um cidadão / Na sala de aula / É que se muda uma nação / Na sala de aula / Não há idade, nem cor / Por isso aceite e respeite / O meu professor / Batam palmas pra ele (2x) / Batam palmas pra ele, que ele merece!”

⁵ Disponível em: <<https://www.letras.com.br/leci-brandao/anjos-da-guarda>> Acesso em: 20 jul. 2023

Ambos compositores, aqui citados, tratam de expressar, em algumas de suas canções, questões caras à sociedade, que se mostram emergenciais. Fazem de sua música um ato político, para fazer a sociedade discutir temáticas que são silenciadas pelos poderes públicos, justamente porque o lugar de destaque não pode ser o das minorias.

E é neste contexto, que o professor e a professora têm um papel importante. Não simplesmente pelo fato de ter em seus ombros a responsabilidade de formar os sujeitos para a vida em sociedade, mas ainda mais, pela sua responsabilização em pôr em prática uma docência que ouve e está atenta as dores de seus estudantes, na observância do lugar de fala de cada um e cada uma.

Por isso que *“toda experiência é construída e a experiência docente não é diferente. Todavia ela tem suas singularidades”* (RASSI & FONSECA, 2006, p. 116). Ao mesmo tempo que ensina, este/a professor/a estará aprendendo. Se permitir estar aberto/a ao aprendizado que o cotidiano escolar lhe tem a passar é a demonstração da crença em uma sociedade mais justa e igualitária, de respeito e convivência com a pluralidade dos sujeitos que vivenciam a prática pedagógica. Essa é uma perspectiva ancorada na práxis, pois

O fato de se ter um professor marcante, em algum momento da trajetória escolar, que estimule, provoque e promova a importância de “[...] não só ensinar, mas ensinar com dedicação, ser responsável pelos alunos [...]” resulta na qualidade mais humanizada do trabalho pedagógico. (RASSI & FONSECA, 2006, p. 114)

Esta é a compreensão. O processo educativo se faz com pessoas. Humanização deve ser a “palavra de ordem”. Siman (2005), contribui dizendo que

O conhecimento apresenta-se como uma construção, onde interagem o sujeito psíquico e o mundo exterior. Assim, as crianças e adolescentes não estão sujeitos a, simplesmente, absorver e refletir o conhecimento do mundo adulto, tal como um “espelho”. Entre o ato de internalizar as concepções e expô-las, há um processo onde os objetos são rearticulados, onde age a individualidade de cada um (SIMAN, 2005, p. 351)

Portanto, mediar o processo de entender o passado, viver o presente e construir o futuro, dentro da ideia de que para vivermos o hoje, precisamos ter vivido o ontem e, no amanhã, o hoje seja o ontem, galgando a emancipação dos sujeitos enquanto professores que articulam o saber científico ao cotidiano, é em outras palavras, nadar contra a corrente.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta é uma pesquisa qualitativa, pois a mesma *"trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis"* (MINAYO, 1994, p. 21-22). E, também, explicativa, uma vez que este tipo de pesquisa *"têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos"* (GIL, 2002, p. 42), dada a complexidade da temática a ser trabalhada, a mesma é a *"[...] que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas"* (GIL, 2002, p. 42).

Neste sentido, os sujeitos da pesquisa serão cinco professores e/ou professoras de escolas da rede pública de ensino da cidade de São Caitano-PE, (uma delas, sendo a escola que estudei na educação básica), que lecionam em turmas do 5º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais. Escolas estas que atendem ao público da educação infantil até a EJA, nos turnos diurnos e noturnos, localizadas nos bairros mais periféricos da cidade e consideradas de médio a grande porte, uma vez que atendem acima de 200 estudantes. Estruturalmente bem estruturadas, pois as turmas passam somente um turno na instituição.

Tendo delimitado os sujeitos, chamados de professores colaboradores, a coleta de dados será por meio de questionário, que combinam perguntas abertas e fechadas, a ser aplicado a estes docentes, contendo questões que versam sobre as relações do ensino de História com as demais influências e interferências interdisciplinares e administrativas dos campos macro e micro, bem como com suas vidas acadêmicas. Sobretudo porque, ao trabalhar esta temática, estaremos lidando com histórias de pessoas e não somente dados isentos de saber, personalidade e intencionalidade.

Para analisar os dados que serão coletados, utilizaremos a análise de conteúdo, pois *"trata-se de uma técnica que procura 'arrumar' num conjunto de categorias de significação o 'conteúdo manifesto' dos mais diversos tipos de comunicações"* (AMADO, 2000, p. 53), que nos possibilitará a categorização e análise das informações que os sujeitos da pesquisa irão nos fornecer. Uma vez que *"o principal objetivo da análise de conteúdo é desvendar os sentidos aparentes ou ocultos de [...] qualquer [...] tipo de comunicação"* (TOZONI-REIS, 2009, p. 45). Seguindo o método de Bardin (1977), pelos três pólos cronológicos: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

4. O QUE NOS DIZEM OS DADOS

Tendo realizado a discussão com o referencial teórico, chegou a hora de chamar para esta discussão os professores colaboradores desta pesquisa, todas/os atuantes nas turmas de 5º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais, em 3 escolas da rede municipal de ensino da cidade de São Caitano-PE. São elas/es, aqui referenciados com nomes fictícios: Professora Alcione, que tem Licenciatura em Pedagogia e é especialista em gestão e coordenação escolar, Professora Bethânia, que também é pedagoga e está no segundo período de Letras/espanhol, Professora Beth que tem magistério e licenciatura em Pedagogia, Professor Jorge licenciado em Pedagogia e História, e, por fim, Professora Gal, pedagoga com especialização em Psicopedagogia. O tempo de atuação na docência destes colaboradores varia de 3 anos (Professora Bethânia) a 35 anos (Professora Gal).

Neste sentido, entendendo que as colaborações de cada um/a possibilitará à nossa discussão a abertura de novas temáticas, uma vez que ao trabalhar determinadas questões sociais, surgem outras e outras, sobretudo porque estamos a tratar de questões ligadas à formação do ser humano, ouvindo quem medeia o contato deste ser com o conhecimento, na escola; trataremos de discutir tais contribuições para o enriquecimento do debate e o fomento da reflexão acerca da formação dos sujeitos históricos.

4.1 *Vivendo o hoje, pelo ontem, em função do amanhã*

As experiências que temos contato ao longo de nossas vidas tem relação direta conosco, mas, às vezes, não nos damos conta de que estes acontecimentos estão relacionados, também, ao contexto em que estamos inseridos, pois, direta e indiretamente, nossas vivências ocorrem como resultado do que nosso meio nos permite vivenciar. Por isso, o estímulo a esta consciência de pertencimento coletivo pode acontecer nas aulas de História, uma vez que, nelas, o contato com os fatos históricos tende a ocorrer de maneira mais frequente (NEMI, MARTINS & ESCANHUELA, 2009).

Ressaltando este aspecto, a Professora Beth nos diz que “*gostava das aulas de História, principalmente quando o professor [...] apresentava imagens que retratavam a história de nosso país, as questões políticas, a miscigenação entre outros aspectos*” (QUESTIONÁRIO, BETH, 11/09/2023). Esta abertura à discussão e/ou a metodologias que

favoreçam a visualização do que está sendo dito e aguce a curiosidade dos estudantes, fomentam o desejo de pertencer ao espaço discursivo.

Em conformidade ao que foi dito, o exercício de uma prática docente que venha a levar em consideração que *“a percepção das modificações e permanências do passado em relação ao presente seja um importante subsídio para a compreensão da realidade e para a formação dos educandos no exercício da cidadania”* (NEMI, MARTINS & ESCANHUELA, 2009, p. 26), expressará uma atenção especial ao futuro do nosso país. Mediar o processo de ensino-aprendizagem, não somente na disciplina de História, sugere uma disposição fortuita de perpetuar-se.

Sendo assim, o cuidado metodológico se dá pela necessidade da não mecanização das aulas. O professor Jorge nos auxilia na elucidação deste cuidado contando sua experiência com a disciplina, quando nos diz que a *“relação (dele) era de um aluno que cursava uma disciplina por mera obrigação curricular para que ao final de cada bimestre [...] obtivesse uma nota”* (QUESTIONÁRIO, JORGE, 11/09/2023), e nos relata ainda que a memória que ele tem das aulas de História *“era de uma matéria que [...] precisava decorar datas e nomes de pessoas que eram ditas como heróis nacionais”* (QUESTIONÁRIO, JORGE, 11/09/2023).

Neste sentido, é possível imaginar algumas relações que o mesmo vivenciou e que possivelmente influenciaram sua vida acadêmica e pessoal, uma vez que cursou licenciatura em Pedagogia e em seguida cursou História. Caberia, então, a reflexão acerca de qual poder as experiências que vivenciamos terão em nosso pensar e agir. Pois, *“conhecer o passado torna-se, assim, um elemento de formação para a cidadania e uma possibilidade de criar atitudes coletivas que busquem o ‘bem comum’”* (NEMI, MARTINS & ESCANHUELA, 2009, p. 29).

Dando prosseguimento a discussão, a Professora Gal, em suas respostas do Questionário no Bloco II (em que as perguntas versam sobre a relação e memórias com a disciplina de História no Ensino Fundamental - anos iniciais), nos diz que em sua época ainda não havia a disciplina de História como componente curricular, mas sim a disciplina de Estudos Sociais. Componente que, seguindo o modelo estadunidense, abarcava as ideias de civilidade e as noções históricas e geográficas de nosso país, estreitando o espaço no currículo das Ciências Sociais. Fazendo um recorte histórico, é válido ressaltar que esta disciplina esteve na grade curricular das escolas até o ano de 1997, quando os PCNs foram lançados e ela deixou de ser ensinada de maneira compactada, dando lugar a História e Geografia.

A professora Gal continua seu relato dizendo que as aulas aconteciam iguais às outras, sem que deixassem nela alguma memória marcante. Assim como aconteceu com a Professora Bethânia, que nos disse que não entendia muito o que era ensinado, no caso dela, já tendo História como componente da grade curricular da escola que frequentava.

Por isso, Bittencourt (2010) vai nos dizer que

As propostas curriculares diversas e a produção didática fornecem elementos para uma reflexão sobre os desafios para a formulação de um conhecimento histórico significativo, capaz de contemplar as diferenças do público escolar: das escolas públicas diurnas e noturnas, dos cursos supletivos, das escolas privadas das elites, das escolas indígenas e outras mais espalhadas pelo país (p. 198).

Ou seja, a didática externada pelos professores, com base na BNCC, por exemplo, acarreta em uma sujeição da formação da identidade do estudante, que buscará, subjetiva e objetivamente, fundamentos para constituir-se cidadão/cidadã no meio em que está inserido/a. Concomitante a este processo, o/a estudante, quando não é estimulado ao senso de construção identitária coletiva e histórica, tende a desenvolver repulsa à sua escolarização.

Dito isto, acreditamos que a práxis vivenciada por cada profissional da educação precisa estar em conformidade ou, ao menos, ter a preocupação com esta formação cidadã; adequando seu planejamento e sua atuação com a intencionalidade de favorecimento do protagonismo estudantil com vistas a reflexão e emancipação dos sujeitos. Para discutir um pouco mais acerca desta adequação, adentramos no próximo subtópico que trata das questões mais burocráticas educacionais e como os professores se encontram em meio a esta realidade.

4.2 Onde ficam os documentos?

O docente tem de lidar com documentos que norteiam e/ou orientam suas práticas em sala de aula. Desde o ano de 2019 o seguimento das normativas da BNCC é obrigatório em todo o território brasileiro, documento este que restringe a autonomia docente e institui um agir padronizado nas salas de aula de nosso país.

A Professora Beth nos apresenta uma reflexão acerca do seu contato com os PCNs e, agora, com a BNCC, expressando

“que o PCN é um documento amplo que além de orientar os/as docentes permitia uma autonomia a estes para executar suas ações na sala de aula, já a BNCC, é um documento normativo, apresentado com o intuito de unificar os conteúdos trabalhados em todo país. No entanto, este documento como está posto, limita as ações dos professores na sala de aula” (QUESTIONÁRIO, BETH, 11/09/2023)

Por isso a necessidade de um olhar atento e reflexivo a respeito dos conteúdos a serem passados em sala, uma vez que, particularidades do lugar em que o estudante está inserido podem não ser levados em consideração; deixando margem para um possível desinteresse, visto que, nesta linha de raciocínio, a aproximação dos discentes à sua própria história ficará lacunada. Ademais, torna-se relevante ressaltar e compreender que *“os conteúdos escolares não são um fim em si mesmos, ou seja, não são listas de temas que devem ser cumpridos sem um propósito educacional. Na verdade, os conteúdos são recursos que devem estar a serviço da formação dos estudantes”* (SILVA & PORTO, 2012, p. 37).

Nesta mesma linha de pensamento, o professor Jorge nos relata a maneira como ele realiza o planejamento de suas aulas da seguinte forma

Apesar dos PCN não serem obrigatórios realizo às vezes consultas para nortear as aulas, já a BNCC que é obrigatório apresenta um risco enorme de você tratar toda a nossa diversidade social, econômica, regional de maneira igual, apesar dela apresentar sua parte diversificada, então tento sempre trabalhar da melhor maneira dentro da realidade dos meus alunos estão inseridos (QUESTIONÁRIO, JORGE, 11/09/2023)

Neste sentido, a partir das contribuições dos professores Beth e Jorge, é possível observar a evidenciação de um apagamento de identidades, uma vez que a BNCC evoca uma padronização dos conteúdos. Questão endossada pela Professora Gal, quando diz que *“esses conteúdos deveriam ser mais bem planejados, ou seja, de acordo com cada região”* (QUESTIONÁRIO, GAL, 18/09/2023), sendo pertinente e assertiva a ideia do protagonismo desses estudantes na construção do conhecimento que estará se formalizando a partir do lugar onde se encontram.

Para tanto, o que nos diz Professora Gal é um chamamento ao entendimento de qual é a função da escola na vida dos estudantes. Silva & Porto (2012) nos auxiliam nessa reflexão e pontuam que *“a escola é uma instituição social que deve se comprometer com as mudanças rumo a um mundo mais justo em que os homens possam viver sem preconceito e discriminação de credo, gênero[...], explorando a natureza de forma responsável e sustentável”* (p. 42). Sendo social, portanto, necessita estar junto ao estudante e não distante do mesmo.

Corroborando com o que Professora Gal nos disse, Beth faz um outro apontamento, também importante, a respeito das turmas de 5º ano, quando diz que *“os conteúdos para o quinto ano deveriam está atrelados a fatos históricos e também a fatos atuais que sejam*

condizentes com as experiências de vida dos discentes, ou seja, é necessária uma proposta curricular que forme cidadãos críticos e conscientes” (QUESTIONÁRIO, GAL, 18/09/2023).

Concernente a isto, Professora Beth continua, em uma de suas respostas nos apresentando uma estratégia que a mesma segue para trabalhar essas questões de uma maneira interdisciplinar, visto que, como vivenciado por ela, a disciplina de História tem quase sempre seu espaço usurpado pelas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, pela carga de cobrança e conteúdos serem bem maior, por isso *“para tentar contornar essa situação, levo para a sala de aula textos referentes aos objetos de conhecimentos propostos no componente curricular de história, tentando ajustar os descritores cobrados em língua portuguesa nestas aulas”* (QUESTIONÁRIO, BETH, 11/09/2023). Esta preocupação é uma prática dos outros professores colaboradores também, pois os mesmos relatam buscar meios pelos quais possam ir além do livro didático.

Ainda sobre a urgência de uma prática interdisciplinar na disciplina de História, Campos (2012), pontua que esta

“preocupação com a interdisciplinaridade no ensino de História também deve nortear o trabalho pedagógico voltado para a formação cidadã dos alunos. [...] O ensino interdisciplinar permite ao aluno perceber que existe uma estreita relação de dependência entre os diversos direitos e deveres da cidadania” (p. 28).

Por conseguinte, esta prática poderá tornar a formação deste sujeito mais condensada e interligada com os saberes, desde os seus saberes prévios (que devem ser explorados nas aulas pelos docentes), até os saberes científicos.

Caminhando para o fechamento de mais um subtítulo, ainda se tratando dos documentos institucionais, PCN e BNCC, foi perguntado aos professores colaboradores quais aspectos os mesmos evidenciam em que houveram mudanças no trato da disciplina de História ao longo do tempo de atuação de cada um/a na docência. Inicialmente, a professora Bethânia diz que *“sempre teve livros, mas hoje tem mais oportunidades de aprendizagem, mais meios de conhecimento”* (QUESTIONÁRIO, BETHÂNIA, 14/09/2023), em contrapartida, professora Gal diz que *“enquanto profissional da educação não há nenhuma diferença a ser pontuada, pois a disciplina de História é trabalhada sempre da mesma forma em todos os anos, até porque não temos suportes a não ser os livros didáticos”* (QUESTIONÁRIO, GAL, 18/09/2023). Ambas têm a diferença de 32 anos de atuação na docência.

Ademais, a professora Beth nos diz que uma das mudanças que a mesma sentiu foi “*a questão do estreitamento da grade curricular do componente de história*” (QUESTIONÁRIO, BETH, 11/09/2023), situação discutida um pouco mais acima. Já o professor Jorge é mais positivo ao notar que tem havido um estímulo à “*críticidade ao invés da famosa decoreba, o aluno como centro de saber, o aluno como participante da construção da história*” (QUESTIONÁRIO, JORGE, 11/09/2023), o que pode ser considerado um grande avanço, deixando o alerta para as questões da padronização curricular pelas quais os professores devem estar atentos na preparação e realização de suas aulas.

Por fim, a professora Alcione em suas respostas acerca do contato com os documentos nos diz que “*Em relação a esse assunto não tenho um contato direto, apenas sei a importância*” (QUESTIONÁRIO, ALCIONE, 14/09/2023), o que impossibilitou a mesma de participar dessa discussão, mas que abre espaço para uma reflexão acerca de como ela prepara suas aulas se não tem este contato, como seus colegas, da mesma rede de ensino... Por isso que em uma mesma rede, podem haver diversas expressões de prática docente, pois cada um/a tem sua história diferente do/a outro/a; expressões que discutiremos no próximo subtópico.

4.3 A disciplina de História: o olhar e o fazer pelos docentes

A história se forma a cada instante, e nesses instantes, nos mais diversos lugares do nosso país e do mundo, acontecem aulas de História com cada professor dando a intencionalidade e externando sua prática da maneira pela qual objetiva que seus estudantes construam anseios políticos e sociais, para fundamentalizar o sentido de suas vidas.

Dada a reflexão, os professores colaboradores nos relataram nos questionários como eles realizam as aulas de História, vejamos a seguir relato por relato.

Professora Alcione, “*de forma geral: com estudo, debate e questionamentos orais e escritos*” (QUESTIONÁRIO, ALCIONE, 14/09/2023);

Professora Bethânia, “*com livros e explicações orais, atividades xerografada*” (QUESTIONÁRIO, BETHÂNIA, 14/09/2023);

Professora Beth, “*através de estudo dirigido, aulas expositivas com debates, realização e apresentação de pesquisas, exercícios orais e escritos entre outros*” (QUESTIONÁRIO, BETH, 11/09/2023);

Professor Jorge, “*elas acontecem infelizmente com a necessidade de um livro didático que precisa revisar algumas terminologias, mas que trás a criticidade e o aluno com o seu saber empírico como centro da aula*” (QUESTIONÁRIO, JORGE, 11/09/2023).

Professor Gal, “*elas acontecem de maneira diversificada, para chamar a atenção dos educandos. Ex.: roda de conversa, leitura coletiva, anotações*” (QUESTIONÁRIO, GAL, 18/09/2023)

Notamos assim, pela contribuição dos colegas acima expressados e em outras respostas, que todos/as eles/as vão além do livro didático, ainda que ele seja um dos meios pelos quais suas aulas acontecem, cabe ressaltar que “*o livro didático é importante, [...], entretanto, cabe ao professor propor como afirma Caimi “atividades desafiadoras” que desenvolva as competências e habilidades dos alunos*” (ALVES & SANTOS, 2013, p. 03). Sair do tradicionalismo, em outras palavras, esquecer a lógica transmissão e recepção.

Observamos nessas mesmas respostas que eles/as buscam outros meios e, dentro do que é possível, realizam atividades de maneira oral, como rodas de conversas e debates que expressam uma prática dialógica, pelo menos nestes determinados momentos. Pois, “*os conceitos relacionados ao estudo da História envolvem as seguintes habilidades: descrição, comparação e abstração*” (ZUCCHI, 2012, p. 65). Prática esta que favorece a expressividade dos estudantes, a troca de saberes empíricos e a interação com quem se convive.

Dando continuidade, os professores citam outros materiais didáticos que utilizam, tais como: aparelhos de mídia, notebooks, dicionários, entre outros. Isso faz com que fomenta a “*ideia de que tudo que o homem produziu ao longo do tempo pode trazer informações históricas*” (ZUCCHI, 2012, p. 54) Quanto a isso, abrimos parênteses para explicitar que o professor pode ter a intencionalidade e abertura para trabalhar com o lúdico em sala, por exemplo, mas vai depender também dos que estão à sua volta, ou seja, a equipe gestora. O apoio oral e material pode favorecer este trabalho.

Atrelado a como as aulas acontecem, no questionário os professores também foram instigados a refletir sobre quais aspectos eles julgam como uma repetição de práticas de seus professores na época em que os mesmos estavam na escolarização. Professora Beth especifica, fazendo o seguinte relato “*de um professor especificamente, meu professor dos anos iniciais, que sempre nos instigou a gostar das aulas de história quando este realizava aulas expositivas e nos apresentava artefatos do passado*” (QUESTIONÁRIO, BETH, 11/09/2023). Memória bem guardada. Assim como a da Professora Gal, “*hoje me sinto uma profissional realizada, modesta parte dedicada, assim como alguns professores (as) por quais eu passei e também por gostar do que faço*” (QUESTIONÁRIO, GAL, 18/09/2023).

Tendo uma experiência um pouco diferente, Professora Alcione diz que também teve e tem influência de seus antigos professores, “*mas desde criança gostava de brincar de*

escolinha e sonhava em ser professora” (QUESTIONÁRIO, ALCIONE, 14/09/2023). Ou seja, *“o estímulo à educação histórica que viabiliza a alfabetização histórica nas séries iniciais dá início ao processo de conhecimento histórico, materializado nas séries finais do fundamental e no ensino médio”* (VARTHA & DILL, 2018, p. 259). E que perdurará pela vida toda do estudante que teve, em seu processo de escolarização, o estímulo à formação de uma consciência histórica.

Caminhando para a finalização deste último subtópico, apresentamos algumas reflexões que foram deixadas pelos professores colaboradores acerca da formação cidadã dos estudantes, pois *“o objetivo de um educador é ajudar o aluno a desenvolver sua autonomia e iniciativa. [...] Ele só construirá o saber com seus alunos se conhecer sua própria realidade e conquistar sua identidade”* (NEMI, MARTINS & ESCANHUELA, 2009, p. 89), quanto a isso, Professora Bethânia, então pontua que *“nossos alunos são o que passamos e ensinamos em sala de aula, para criarmos cidadãos de respeito devemos ter a escola e comunidade juntas”* (QUESTIONÁRIO, BETHÂNIA, 14/09/2023), além de *“o profissional precisa em primeiro lugar, gostar do que faz e se dedicar, assim se sente realizado”* (QUESTIONÁRIO, ALCIONE, 14/09/2023), como nos diz Professora Alcione.

Ainda a respeito da relação professor-aluno, citada por Bethânia, Jorge diz que *“o nosso papel enquanto docente é trabalhar com a criticidade na formação cidadã de nossos alunos”* (QUESTIONÁRIO, JORGE, 11/09/2023), já que *“as aulas de história oportunizam os estudantes a conhecer os acontecimentos ocorridos no passado, e partir deste conhecimento eles compreendem a sociedade atual e a vida em cidadania”* (QUESTIONÁRIO, BETH, 11/09/2023), como Professora Beth completa. Portanto, as experiências vão gerando outras com o passar do tempo. Ao mesmo tempo que participamos, somos construtores de uma história que nunca acabará.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, se faz necessário voltar aos pontos pelos quais esta pesquisa foi norteada, além da intencionalidade dos pesquisadores em discutir esta temática tão cara para os mesmos e, na visão deles, para a sociedade, no que diz respeito a formação crítica e consciente dos sujeitos que estão se formando a cada dia e, consequentemente, formando a história.

Quando, na problematização e objetivo geral, nos dispomos a compreender quais aspectos estariam envolvidos para gerar uma aproximação ou distanciamento dos estudantes à disciplina de História, depois de todo o percurso, é possível elucidar que tais aspectos são resultado de um conjunto de fatores que afunilam esta formação. A metodologia aplicada pelo professor e a regulamentação conteudista da BNCC são dois dos mais importantes, pois o primeiro está ligado totalmente à disposição e reflexão que o mediador do conhecimento estará evocando e o segundo, estará delimitando este agir pedagógico.

Neste sentido, ao pensar a formação de sujeitos históricos no 5º ano do Ensino Fundamental - anos iniciais, a partir das contribuições dos professores colaboradores e dos autores referenciados para fundamentalizar este estudo, é perceptível a ideia de que o conhecimento não é estático, que ele sofre alterações no decorrer do tempo; sejam elas positivas e/ou negativas. Uma vez que as discussões que surgem, estão diretamente ligadas ao momento em que o país está passando, ou seja, os estudantes estarão lidando com questões da esfera macro, para que as da esfera micro estejam subalternizadas.

Para tanto, basta voltar a nossa discussão a respeito dos PCNs, da BNCC e da própria LDB, que foram se modificando ao longo do tempo, mas sobretudo pelo contato que os professores têm com as mesmas, a partir do embasamento que eles têm desde sua formação acadêmica. Pois as práticas são, como discutimos, resultado de outras pelas quais tivemos contato durante nossa vida.

Ademais, nossos professores colaboradores reafirmam a influência que o professor tem na vida do estudante, e que esta influência pode ser uma maneira de levar este estudante a galgar um futuro onde ele seja conhecedor e construtor consciente de sua história e a da sociedade. Sujeitos conscientes têm a capacidade da não aceitação de processos alienadores.

Por fim, acreditamos que esta pesquisa não discute toda a complexibilidade da temática da formação de sujeitos históricos e de cidadãos conscientes, mas é um pontapé para que esta discussão tome novos rumos e chegue a novos lugares, pois somente discutindo e refletindo acerca de nossa prática docente, é que se pode fomentar uma formação mais profunda e emancipatória para nossos estudantes.

Referências

ALVES, Hilana de Oliveira. SANTOS, Maele dos. O lúdico e o ensino de História. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal-RN, 2013.

AMADO, João da Silva. A técnica da Análise de conteúdo. **Revista Referência**. nº 05, nov. 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Presses Univcrsitaires de France. 1977 (Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro)

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Identidade nacional e ensino de história do Brasil. **História na sala de aula: práticas e propostas**. Tradução. São Paulo: Contexto, 2010

CAMPOS, Helena Guimarães. **A história e a formação para a cidadania nos anos iniciais do ensino fundamental**. 1. ed. - São Paulo: Livraria Saraiva, 2012

FERREIRA, Angela Ribeiro et al (Orgs.) **BNCC de História nos estados: o futuro do presente** [recurso eletrônico] / Angela Ribeiro Ferreira et al (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

FONSECA, Selva Guimarães. O ensino de História e a construção da cidadania. In.: **Didática e Prática de Ensino de História**: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

GIESTA, N. C.. **Cotidiano escolar e prática reflexiva do professor**: moda ou valorização do saber docente? - Araraquara: JM editora, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. ed. SP: Atlas, 1991.

JÚNIOR, Astrogildo Fernandes Silva. A ciência da história e o ensino de história: aproximações e distanciamentos. **OPIS**, Catalão, v. 11, n. 1, p. 287-304 - jan-jun 2011

MINAYO, Maria Cecília de Souza (organizadora). DESLANDES, Sueli Ferreira. NETO, Otavio Cruz. GOMES, Romeu. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NEMI, Ana Lúcia Lana. ESCANHUELA, Diego Luis. MARTINS, João Carlos. **Ensino de História e experiências**: o tempo vivido. 1. ed. - São Paulo: FTD, 2009.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144. set./dez. 2004.
Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). **Fontes históricas** — 2.ed., I a reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008.

RASSI, Marcos Antônio Caixeta. FONSECA, Selva Guimarães. Saberes docentes e práticas de ensino de história na escola fundamental e média. **SÆCULUM Revista de História**. João Pessoa, jul./dez. 2006.

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene Cainelli. **Ensinar história**. - São Paulo: Scipione. 2004. - (Pensamento e ação no magistério)

SILVA, Marcos Antônio. PORTO, Amélia. **Nas trilhas do ensino de História: teoria e prática**. Belo Horizonte: Rona, 2012.

SILVA, Marcos Antônio da. FONSECA, Selva Guimarães. Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, no 60, p. 13-33 - 2010

SIMAN, Lana Mara de Castro. Representações e memórias sociais compartilhadas: desafios para os processos de ensino e aprendizagem da história. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 348-364, set./dez. 2005.

Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. 2. ed - Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

VARTHA, D.L. DILL, D. O ensino de História e a formação continuada de docentes da educação básica. In: DAVID, C., and CANCELIER, J.W., eds. **Reflexões e práticas na formação de educadores** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, pp. 251-262. ISBN 978-85-7511-475-9. <<https://doi.org/10.7476/9788575114759.0017>>

ZUCCHI, Bianca Barbagallo. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental: teoria, conceitos e uso de fontes**. São Paulo: Edições SM, 2012. - (Somos mestres)

JOSÉ DAVI SANTOS TORRES

FORMAÇÃO DE CIDADÃOS/ SUJEITOS HISTÓRICOS: um olhar a partir da
Disciplina de História no 5º ano do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, na cidade de São
Caitano-PE

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em
Pedagogia do Campus Acadêmico do Agreste
da Universidade Federal de Pernambuco
UFPE/CAA, na modalidade de artigo
científico como requisito parcial de aprovação
e obtenção do grau de licenciado em
Pedagogia

Aprovado em: 05 de Outubro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ana Maria de Barros
Núcleo de Formação Docente/ UFPE-CAA
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Joselma do Nascimento Franco
Núcleo de Formação Docente/ UFPE-CAA
(Examinadora interna)

Prof. Me. Alberto César Damacena da Silva Farias
(Examinador externo)